

Os meios culturais e ligados ao esporte de Santo André comentam o estágio atingido pelo Município nesses setores, e concluem que, a julgar pelo baixo nível de participação dos munícipes nas atividades e manifestações da área, as condições espirituais de vida dos habitantes da cidade, são ainda, sofríveis.

Tal conclusão, segundo os expositores do problema, não advém da rarefação de valores culturais e esportivos da cidade, mas, sim da falta de apoio oficial ao setor, no caso da atividade artística, de modo que a cidade vê serem drenadas as suas reservas para a Capital, e da falta de interesse por parte da população.

Luiz Sacilotto, artista plástico de van-

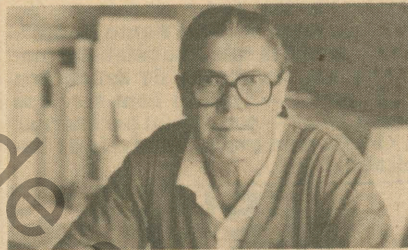
Sacilotto: "Município é pobre em cultura"

"Santo André é considerado um município rico do ponto de vista econômico, mas é extremamente pobre na área cultural." Com essa opinião Luiz Sacilotto, artista plástico de vanguarda — foi um dos fundadores do concretismo em São Paulo — define o seu relacionamento com a cidade, tida por ele apenas como o seu local de trabalho e o ponto de encontro com diversos amigos.

"Embora a pintura sempre executei aqui, onde sempre me senti bem para trabalhar, recusando, inclusive, diversos convites para ir morar em São Paulo", não foi a cidade que motivou a criação de seus numerosos quadros e gravuras, nem mesmo definiu ou trouxe contribuição especial para a elaboração de seu projeto estético construtivista. Ele faz questão de frisar sua recusa pela cidade, no tocante à arte e à cultura, mas, lembra, "é o lugar em que eu nasci e me sinto perfeitamente integrado; aqui tenho meus bares, meus amigos, minhas padarias".

Sacilotto considera que Santo André não oferece um clima propício para o desenvolvimento das potencialidades artísticas de seus habitantes, daí o fato de engendrar o surgimento de poucos artistas e intelectuais: a cada período surge "meia dúzia de elementos em condições de trabalhar, mas esse pessoal tem que ir para a Capital para se desenvolver". "Não conheço um cara bem informado aqui em Santo André", acrescenta.

"Fazendo uma análise de toda a história, chego a um resultado muito amargo e pessimista, no sentido de que não se pode tentar qualquer coisa de cultural em Santo André". Sacilotto encara isso, no entanto, como um fato normal e de explicações claras: "Uma das razões das dificuldades em se desenvolver um programa cultural em profundidade, em todas as áreas, é a grande proximidade do nosso município com a Capital". Segundo ele, Santo André não passa de um braço de São Paulo, algo como um bairro, sem face própria. Pergunta: na própria Capital, na periferia — na Penha, na Lapa, por exemplo — observa-se uma atividade cultural significativa?"



Luiz Sacilotto

De acordo com esse raciocínio, Santo André, até hoje, não conseguiu emancipar-se nas manifestações de seu povo, pois a Capital é a grande fornecedora e produtora de cultura, de modo a tornar desnecessárias as iniciativas próprias.

Luiz Sacilotto nasceu em Santo André em 1924 e expôs pela primeira vez em 46. Em 49, juntamente com Waldemar Cordeiro, lançou a Arte Concreta em São Paulo. De seu currículo constam exposições importantes dentro e fora do País, tais como a participação na Bienal de Veneza, em 52, e uma retrospectiva de suas obras, intitulada "Expressões e Concreções", realizada no Museu de Arte Contemporânea de São Paulo, há dois anos.

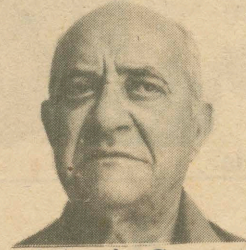
Embora permaneça a maior parte do tempo em seu ateliê da rua Senador Flaquer, no centro de Santo André, onde costuma ser visitado por inúmeras figuras ligadas aos meios culturais da cidade, Sacilotto pouco se envolve, atualmente, com as questões culturais e artísticas do Município. "Isso é coisa do passado", diz, quando ainda havia ânimo e entusiasmo para reivindicar algo do Poder Público em prol da arte produzida na Região.

ANTÔNIO CONEVER

Muito mais otimista que Sacilotto o escultor Antonio Conever, apesar de ter convivido com as principais etapas do desenvolvimento de Santo André e assistido a sua transformação de fazenda a grande cidade, não se espanta com o progresso do Município e os problemas dele advindos. Conever encara com naturalidade a evolução da cidade e seu atual estágio de grande concentra-

guarda, amplamente reconhecido no País e no Exterior, falando de sua vida na cidade, afirma que sua relação com ela em nada motivou a sua produção artística. Ao contrário, a exemplo de outros artistas que lograram êxito em suas carreiras, foi obrigado a procurar a Capital para ver reconhecido o seu trabalho.

Antonio Carlos Moreno, diretor do Departamento de Esportes da Prefeitura e campeão em diversas oportunidades na categoria de vôlei masculino, por sua vez, defende que o andreense está amplamente amparado na área do esporte, faltando-lhe, apenas, maior interesse para desenvolver-se nas práticas esportivas.



Antonio Conever

ção operária: "É verdade que, antigamente, não tinha, por exemplo, as enchenches como temos agora, pois esse sufoco é fruto do progresso. Mas, sem essa evolução, continuaríamos sendo uma fazenda", afirma.

Ao contrário de Sacilotto, que não vê condições de veiculação e produção para o trabalho artístico na cidade, optando pela vida cultural da Capital, Conever não acredita que esse seja um problema específico de Santo André. Segundo o escultor, o problema reside no baixo poder aquisitivo da população de todo o País, que se vê impossibilitada de adquirir obras de arte de vulto, geralmente muito caras, refletindo no atraso cultural.

Homem de poucas ambições — "ganhei sempre para viver, mas escultor não fica rico mesmo", diz —, Conever não se queixa do Município no tocante à ajuda oficial para o desenvolvimento das artes, pois "em São Paulo também não está fácil, não".

Há mais de 66 anos morando em Santo André, Conever trabalhou como escultor desde 1937 até 79, quando se aposentou e parou de atuar, devido a problemas de saúde. Afirmando que "prefiro os trabalhos expostos em praça pública do que qualquer outra coisa porque ele fica gravado pra sempre", Conever lembra que a maioria de seus trabalhos foi adquirida e encomendada pelo Poder Público e não por famílias.

O artista acha "positivo" que Santo André se tenha transformado em um centro industrial importante e de grande concentração operária, pois, "se não tivesse essas indústrias, não teria tantos trabalhadores e não seria o que é".